

UM JAPONÊS

ANTÔNIO UEMA FOI O ÚLTIMO A CHEGAR, EM 1964. OS PARENTES JÁ ESTAVAM AQUI ANTES DA INAUGURAÇÃO

MARIANA MAINENTI

DA EQUIPE DO CORREIO

É visível a presença dos japoneses no Núcleo Rural Vargem Bonita, próximo a Brazlândia. Lá, entre as 65 famílias residentes, 45 são nipo-brasileiras. Entre os orientais e seus descendentes, Antônio Kiokasu Uema, 71 anos, faz parte da memória viva do pioneirismo na capital. Ele mora na área agrícola, onde sobrevive do cultivo de lavouras desde 1977. Anteriormente, morou 13 anos na chácara da família, que chegou antes da fundação da capital.

"Minha avó estava traumatizada com os horrores da guerra na China e decidiu pegar os filhos e mandá-los todos para o Brasil. Foi a sorte da família. Meu pai e os irmãos dele viviam na ilha de Okinawa e, como vieram para o território brasileiro, escaparam da Segunda Guerra Mundial", diz Uema. "Não restou uma só árvore na cidade", conta. "Depois que os americanos entraram, não ficou vivo quase nenhum homem em Okinawa. Só sobraram mulheres e crianças."

A família Uema chegou primeiramente a São Paulo, mas em 1957 se mudou para Brasília em busca das oportunidades oferecidas pela capital aos que vinham imbuídos de espírito empreendedor. Ele conta que o pai conseguiu arrendar uma chácara com o primeiro empréstimo que conseguiu do Banco do Brasil, de 200 cruzeiros na época, cuja primeira parcela só precisaria ser paga seis meses após.

Por conta de uma tuberculose, Antônio foi o último dos filhos a vir para a capital. "Em São Paulo, eu trabalhava de dia e estudava à noite quando caí doente e tive de ser hospitalizado."

Anos depois, já curado, veio para Brasília. "Cheguei em 1964. Quando saí de São Paulo, se dizia que o governo de João Goulart não duraria um ano, e não agüentou um mês depois que eu cheguei a Brasília", recorda-se.

Para ele, o longo tratamento da tuberculose lhe rendeu qualidades que foram úteis em sua vida de agricultor. "Aprendi a ter paciência nesse período. Isso é importante para o agricultor, que precisa esperar para colher. Se o agricultor não for paciente e teimoso, não planta. Tem que ser assim: perde uma muda, planta outra", ensina.

Para os primeiros que se atreveram a lavrar o solo de Brasília, esta paciência foi fundamental. "Era tudo no enxadão, sem máquina alguma. Jogávamos água com regador porque não havia sistema de irrigação. A terra era tão ácida que nenhuma semente nascia. Tínhamos de pôr cal verde para tirar a acidez. Fui lavrando, lavrando, aí melhorou", conta.

No núcleo rural Vargem Bonita, as tradições se misturam. "Meus filhos se criaram com os filhos dele", conta Marcos Assunção, de 79 anos, paranaense que é outro agricultor pioneiro da região. Antes de arrendar sua chácara, ele trabalhou na construção da capital. "Cheguei a Brasília com a minha mulher e os meus filhos em um caminhão com outras três famílias. Construímos um barracão em quatro dias e assim começamos nossa vida aqui", conta.

No mesmo ano em que Assunção se mudou para a Vargem Bonita, em 1962, nove famílias de japoneses vieram direto da Ilha de Okinawa para o lugar. Hoje, todos convivem em harmonia. Nos finais de semana, freqüentam o clube da Associação Nipo-Brasileira da Vargem Bonita, onde há apresentações

Minervino Junior/Especial para o CB - 1/4/08



"CHEGUEI A BRASÍLIA COM A MINHA MULHER E OS MEUS FILHOS EM UM CAMINHÃO COM OUTRAS TRÊS FAMÍLIAS. CONSTRUÍMOS UM BARRACÃO EM QUATRO DIAS E ASSIM COMEÇAMOS NOSSA VIDA AQUI"

de taikô (tambor típico do Japão) e atividades desportivas como kendô, Karatê e jogos de beisebol.

Segundo eles, no entanto, hoje existem outras dificuldades para o pequeno agricultor. "Agora, precisamos plantar muito e vender barato. Não temos como competir com os grandes, que têm muita tecnologia", explica Assunção. Uema faz a conta em cenouras: antes, ele precisava vender uma caixa de cenoura para conseguir um saco de adubo. Ago-

ra preciso vender dez caixas de cenoura para comprar um saco de adubo", calcula. Os obstáculos na agricultura são tão grandes que em geral os filhos desta geração de pioneiros preferiram seguir carreiras no funcionalismo público, amparados pelo esforço dos pais para que estudassem. "Quando cheguei aqui, decidi: já que eu não pude fazer faculdade, iria trabalhar para que os meus filhos fizessem. E todos são formados", orgulha-se Uema.